

## PLANO DE AULA

---

### I. Identificação

**Autora do Plano de Aula:** Profa. Dra. Edlene Oliveira Silva;

**Série/Ano:** Ensino Médio;

**Carga horária prevista:** 3 horas/aula.

### II. Tema/assunto/título da aula

**As Cruzadas medievais no filme “Cruzada” de Ridley Scott (2005)**

### III. Objetivos

debater as representações históricas das Cruzadas difundidas no filme “Cruzada” de Ridley Scott (2005), a respeito das relações entre o passado e o presente.

### IV. Conteúdo

apresentação da película, do diretor e do contexto histórico; a sinopse do filme; o termo Cruzada; a participação das mulheres nas Cruzadas; o suicídio no imaginário medieval; os múltiplos significados de Jerusalém no medievo; a Guerra Santa e Guerra Justa; a intolerância religiosa; o silenciamento sobre o massacre dos judeus em Jerusalém; as representações dos muçulmanos; as imagens dos templários e da igreja; a importância do legado das Cruzadas para as relações entre cristãos, judeus e muçulmanos na atualidade.

### V. Metodologia e recursos didáticos

**Aulas 01, 02 e 03**

Na aula proposta neste plano, serão analisados trechos do filme “Cruzada” (2005) — de Ridley Scott. Extraíram-se as cenas selecionadas do canal do Youtube *idademedianaescola* no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=IPW-uc1Muxs>. O vídeo em questão possui 35 minutos e está dividido por temas/conteúdos do ensino de história medieval, com objetivo de facilitar sua discussão didática em sala de aula.

A narrativa cinematográfica deve ser compreendida pelo(a) Professor(a) como uma fonte histórica a ser interpretada, em sala de aula, com questões sobre a autoria do filme, à época em que foi produzido/lançado. Devem-se considerar, também, as ideias que a película defende, os argumentos construídos para defendê-las, os sujeitos e os fatos históricos destacados, os valores que estão atribuídos aos fatos e aos sujeitos, para quem esse documento fala etc. Assim, fazer com que os alunos e as alunas passem da análise, observação e descrição do filme para uma fase em que este sirva para introduzi-lo no método histórico pode

levar à superação da compreensão do documento como prova do real e desenvolver espírito crítico.

O/A docente deve preparar os alunos e as alunas para a compreensão crítica da narrativa fílmica, apresentando a película, o diretor e o contexto histórico. O longa-metragem “Cruzada” foi dirigido por Ridley Scott e lançado em 2005, quatro anos após os atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque, quando as Torres Gêmeas foram destruídas por radicais muçulmanos. Esse fato colocou o termo Cruzada no centro dos noticiários internacionais. Na época, o presidente estadunidense George W. Bush propôs uma Cruzada contra o suposto “mal do oriente”, organizando uma guerra contra os afegãos.

Em resposta, Osama Bin Laden, líder e fundador da Al-Qaeda, organização radical muçulmana à qual atribuem-se os ataques de 11 de setembro, afirmou que os Estados Unidos realizavam, no Afeganistão, uma Cruzada contra os muçulmanos. Bush foi criticado por usar o vocábulo Cruzada, que remete a um sentido nocivo e vivo, na memória dos muçulmanos, como um episódio violento de perseguição religiosa que marcou o imaginário das nações islâmicas. Na época, Bush pediu desculpas à comunidade internacional e consagrou o termo “guerra ao terror” para referir-se às ações contra os radicais afegãos. É nesse contexto histórico de Cruzada contra o terrorismo islâmico, que o filme é produzido. Essa contextualização auxilia os/ás estudantes a compreenderem algumas ideias defendidas na película como o discurso de tolerância cultural e religiosa entre judeus, muçulmanos e cristãos e o silenciamento sobre o massacre dos judeus em Jerusalém pelos cruzados.

É importante que o(a) Professor(a) faça uma sinopse da obra cinematográfica. É ambientada no século XII durante a chamada Terceira Cruzada (1189-1192), e trata da reconquista, em 1187, pelo sultão Saladino, de Jerusalém, tomada pelos cristãos em 1099, durante a Primeira Cruzada (1096-1099).

Na história, o personagem principal é Balian, um jovem ferreiro francês que guarda luto pelo suicídio de sua esposa, após o falecimento de seu filho, quando recebe a inesperada visita de seu pai, Godfrey de Ibelin — um conceituado Barão da Corte do Rei de Jerusalém, Balduíno IV —, que o convida para segui-lo na viagem para a Terra Santa.

Os dois partem para Jerusalém, mas, no caminho, sofrem uma emboscada e Godfrey morre, deixando para o jovem terras e um título de nobreza. Em Jerusalém, Balian toma posse de sua herança e torna-se amigo do Rei e do conselheiro real.

No decorrer da trama, o ex-ferreiro se apaixona e mantém um relacionamento com a princesa Sibylla, a irmã do Rei, casada com Guy Lusignan, mostrado na película como um homem mesquinho e prepotente, que se torna monarca após a morte de Balduíno IV e conduz o reino a desastrosas guerras com Saladino.

O grande vilão da trama é Renaud de Châtillon, cavaleiro da Ordem dos Templários, responsável pelo ataque a uma caravana muçulmana, fato que levou ao rompimento da trégua construída por Balduíno IV e à consequente investida de Saladino contra Jerusalém. Balian, após a prisão do soberano Guy Lusignan e da morte de Châtillon por Saladino, assume a defesa de Jerusalém. O cerco à Cidade Santa culmina com a derrota dos cristãos e com o retorno de Balian à França, na companhia de Sybilla.

Um primeiro aspecto que o(a) Professor(a) pode tratar é o significado do termo Cruzada derivado do fato de os participantes das expedições considerarem-se soldados de Cristo marcados com o sinal da cruz e, por causa disso, usarem uma cruz bordada na roupa.

Um segundo é a divisão das Cruzadas em oito expedições, concepção comum presente nos livros didáticos de história. É difícil definir quantas Cruzadas existiram no medievo, pois esse marco teve a participação de inúmeras pequenas expedições ininterruptas de pessoas que peregrinavam, constantemente, para a Terra Santa.

Relevante, ainda, abordar que o filme reforça a ideia das Cruzadas somente como expedições militares, mas há registros históricos que revelam a participação de muitas pessoas não combatentes como mercadores, artesãos, mulheres e crianças. Muitos cavaleiros e homens do povo levaram esposa e filhos nas Cruzadas. Ou seja, famílias inteiras participaram desse movimento.

Caberia tratar da existência de mulheres que combateram nas Cruzadas e não hesitaram em envergar a cota de malha, o capacete e em manejar a espada, como as esposas dos normandos. E o fato de que, nesse conflito, a grande maioria das mulheres atuou como auxiliar ao invés de combatente, ocupando atividades como servir água e cuidar dos feridos.

O/a docente pode indagar aos/às estudantes os motivos pelos quais a atuação feminina ficou relegada a ações secundárias nas Cruzadas, de apoio, de assessoria, auxílio, muitas vezes ligadas à assistência e ao cuidado, como no caso das enfermeiras.

No medievo, uma sociedade patriarcal e machista, a atuação nas batalhas era proibida às mulheres, pois a guerra era um espaço que exigia supostos atributos considerados, exclusivamente, masculinos, como força e coragem, e relacionava-se à noção histórica de que era a esfera privada, o mundo doméstico, o verdadeiro universo das mulheres.

Dessa forma, é relevante aos/às docentes indagarem os padrões de gênero do medievo que relegam às mulheres um papel secundário na história, silenciando seus protagonismos e ações, como a atuação das guerreiras normandas nas Cruzadas, atribuindo, somente aos homens, a posição de destaque e comando na história.

Essa perspectiva de mulheres atuando ativamente na guerra é fundamental para discutir a existência de mulheres líderes e guerreiras na história que tiveram protagonismos em suas épocas, mas que foram apagadas da historiografia e do ensino de história por concepções androcêntricas que atribuíam às mulheres papéis no mundo doméstico e no cuidado dos filhos e do marido.

As Cruzadas foram expedições militares empreendidas contra aqueles considerados inimigos da fé cristã e, por isso, legitimadas pela Igreja, que concedia a seus participantes privilégios espirituais e materiais. Esses privilégios estão presentes em várias partes do longa-metragem. O da indulgência, que concedia o perdão dos pecados, era um dos principais, muito persuasivo naquela sociedade em que dominava o imaginário cristão.

No início do filme, Balian sentiu-se profundamente afetado pelo suicídio de sua mulher, após o falecimento de seu filho. Na cena, ela é decapitada e despejada em uma vala fora da cidade, prática comum no medievo, pois acreditava-se que cortar a cabeça do suicida o impedia de voltar ao mundo dos vivos para assombrar as pessoas, pois a alma do suicida não se separa completamente do corpo e fica vagando pela terra. A quem cometia suicídio era negado um enterro em cemitérios cristãos, por ser este considerado um ato demoníaco. Segundo o pensamento medieval, o suicídio é contrário a vontade divina. Nessa perspectiva, Deus criou o homem e, portanto, Ele define o nascimento e a morte daquele. Essa discussão ajuda o/a estudante a compreender o grande alcance e influência do imaginário cristão no medievo.

O perdão dos pecados, privilégio concedido a quem participasse das Cruzadas para Jerusalém, é tratado quando o ferreiro Bailan, protagonista da trama, recebe a visita de seu pai, Godfrey de Ibelin — um conceituado Barão da Corte do Rei de Jerusalém, que o convida para segui-lo até a Cidade Santa e explica o sentido dessa viagem: *“Jerusalém é o centro do mundo para quem quer pedir perdão”*. Na cena seguinte, observa-se Bailan perguntar a um padre: *“é verdade que em Jerusalém eu posso apagar os meus pecados e os da minha esposa?”*

Um dos principais apelos para a participação nas Cruzadas era a purgação dos pecados, em que a trajetória do peregrino funcionava como uma penitência para obtenção da salvação, da cura de doenças, cumprir promessas, agradecer as graças alcançadas ou simplesmente simbolizar a fé do indivíduo.

Na cena, durante o cerco de Saladino a Jerusalém, Bailan afirma: *“o que é Jerusalém? Os vossos lugares se encontram-se sobre o templo judeu que os romanos demoliram. Os lugares de culto muçulmano encontram-se sobre os vossos. Qual é o mais sagrado?”*

A respeito dessa cena, emerge a possibilidade de o/a docente problematizar os múltiplos significados de Jerusalém no medievo. Sagrada para os cristãos, por ser o local de crucificação e ressurreição de Jesus Cristo; para os judeus, por ter

abrigado os dois primeiros grandes templos do judaísmo, erguidos respectivamente por Salomão e Herodes; e para os muçulmanos, por ser onde Maomé ascendeu ao Paraíso.

A cidade de Jerusalém era um dos principais destinos de peregrinação do medievo, local de fundação da primeira comunidade cristã onde se encontra o Santo Sepulcro. A peregrinação para Jerusalém era quase obrigatória e todo cristão considerado verdadeiro, segundo o imaginário da Idade Média, deveria fazê-la, pelo menos, uma vez na vida. Também se configurava como uma das mais difíceis. Percorrer cinco mil quilômetros até a Terra Santa era uma viagem cheia de riscos e perigos, sobretudo no contexto das Cruzadas.

O/A Professor(a) pode trazer, para o debate, um trecho do Discurso do Papa Urbano II no Concílio de Clermont, referente ao ano de 1095, publicado no site A Idade Média na Escola<sup>1</sup>, no qual o pontífice convoca todos os cristãos a lutarem na Primeira Cruzada (1096-1099) e insiste nas dificuldades e nos perigos do caminho para Jerusalém: *“irmãos, é preciso sofrer muito em nome de Cristo. Miséria, pobreza, nudez, perseguições, indigência, enfermidade, fome, sede e outros males”*.

Ainda nessa cena, há o tema da tolerância religiosa. No filme, o principal interesse de Balian e seus seguidores é manter a paz em Jerusalém, numa espécie de fraternidade e convivência pacífica entre cristãos, judeus e muçulmanos, evitando, sobretudo, a guerra contra Saladino. O discurso dos cristãos de tolerância e de conciliação entre essas religiões, presentes em várias partes de “Cruzada”, deve ser problematizado porque não corresponde ao imaginário medieval.

Aliás, num trecho do filme, um padre exorta os peregrinos a lutarem contra os muçulmanos afirmando: *“matar um infiel, disse o Papa, não é assassinato, é o caminho para o céu”*. Ou seja, esse não é um discurso de tolerância e conciliação.

Essa ideia de que “matar um infiel é o caminho para o Paraíso” está presente no discurso do Papa Urbano II, no Concílio de Clermont em 1095 e é fundamentada no conceito medieval de Guerra Justa e Guerra Santa. Durante a Guerra Justa, a Igreja justificou o conflito com a perseguição contra os ditos infiéis, que, durante o período das Cruzadas, foram os judeus e os muçulmanos. Na Guerra Santa, a Igreja perpetuou a ideia de que a morte numa guerra considerada santa representava um caminho para a salvação eterna, passando o combate a ser considerado como um ato que conferia bens espirituais aos participantes.

---

<sup>1</sup>Disponível em: <https://www.idademedianaescola.com.br/categoria-fontes-4>. Acesso em: 13 set. 2023.

Nesse sentido, o(a) Professor(a) pode trazer, para o debate, mais um trecho do Discurso do Papa Urbano II no Concílio de Clermont, 1095 publicado no site A Idade Média na Escola<sup>2</sup> no qual o pontífice diz:

*por isso eu vos aprego e exorto, tanto aos pobres como aos ricos – e não eu, mas o Senhor vos apregoa exorta - que como arautos de Cristo vos apresseis a expulsar esta vil ralé das regiões habitadas por nossos irmãos, levando uma ajuda oportuna aos adoradores de Cristo. Eu falo aos que estão aqui presentes e o proclamo aos ausentes, mas é o Cristo quem convoca [...] Se os que forem lá perderem a sua vida durante a viagem por terra ou por mar ou na batalha contra os pagãos, os seus pecados serão perdoados nessa hora; eu determino pelo poder que Deus me concedeu [...]*<sup>3</sup>

No trecho “*expulsar esta vil ralé das regiões habitadas por nossos irmãos*” fica clara a representação pejorativa dos muçulmanos e judeus classificados “vil ralé” e a ideia de expulsão, o uso da força. Durante as Cruzadas, o exército cristão invadiu Jerusalém e inúmeras outras cidades provocando milhares de mortes de judeus e muçulmanos, estabelecendo um Estado estrangeiro na Terra Santa que se considerava legítimo e, em nome disso, segregava e matava utilizando a ideia de Guerra Justa. No discurso papal, também se explicitou a concepção de Guerra Santa: “*se os que forem lá perderem a sua vida durante a viagem por terra ou por mar ou na batalha contra os pagãos, os seus pecados serão perdoados nessa hora; eu determino pelo poder que Deus me concedeu [...]*”. Ou seja, utilizaram-se justificativas religiosas, como “salvar a Cristandade” para perseguir outras religiões, como o judaísmo e o islamismo, o que se configura uma violência religiosa.

Em outro momento do filme, Bailan e Saladino negociam um rendimento após a derrota dos cristãos durante o cerco a Jerusalém. Saladino afirma: “*darei a todas as pessoas [de Jerusalém] via livre até terras cristãs. Todas as pessoas: as mulheres, as crianças, os velhos e a todos os vossos cavaleiros, soldados, e a vossa rainha*”. Bailan diz: “*os cristãos massacraram todos os muçulmanos dentro da muralha quando tomaram esta cidade*”. Saladino diz: *eu não sou como esses homens. Eu sou Saladino!*”

---

<sup>2</sup>Disponível em: <https://www.idademedianaescola.com.br/categoria-fontes-4>. Acesso em: 13 set. 2023.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.idademedianaescola.com.br/categoria-fontes-4>. Acesso em: 13 set. 2023.

Nessa parte, várias questões emergem. Uma delas é apontar para o silenciamento sobre o massacre dos judeus em Jerusalém. A fita faz menção, somente, ao massacre dos muçulmanos. Talvez o diretor não desejasse produzir argumentos que “abrissem antigas feridas” entre judeus e cristãos. Na película, o silenciamento ao massacre dos judeus em Jerusalém, durante as Cruzadas, esconde um fato importante: se hoje os judeus compõem com o cristianismo um mesmo bloco ideológico contra o avanço do islã; no medievo, o judeu era considerado infiel e demoníaco. Os judeus foram alvos de forte perseguição por parte dos cruzados, tendo sido vítimas de batismos forçados, saques e massacres de comunidades inteiras.

Um dos méritos do filme de Scott é apresentar os muçulmanos de forma digna, sem apelar para estereótipos de selvageria e barbárie, tão presentes no imaginário Ocidental. Saladino e seus seguidores são representados como guerreiros honrados e corajosos. Registros históricos confirmam a fama de Saladino como um grande líder e estrategista, destemido na batalha, mas investido de um código de honra que respeitava os adversários.

A cena em que Saladino fornece água com gelo para aliviar o sofrimento do Rei cruzado Guy Lusignan é baseada em um acontecimento real e explicita um código de conduta dos muçulmanos pelo qual não se pode matar um rei ou prisioneiro a quem se oferece água e comida. No filme, Saladino assassina Renaud de Châtillon, Cavaleiro da Ordem do Templo, justificando: “eu não te ofereci nada!”. Segundo documentos históricos, após a batalha de Hattin (1187), ele foi aprisionado e morto por Saladino.

Uma questão importante é a imagem dos Cavaleiros Templários, representados na narrativa fílmica por Renaud de Châtillon, um vilão caracterizado como um sujeito sanguinário, fanfarrão e desequilibrado, beirando a loucura. O filme, nesse aspecto, colabora para que os espectadores confundam o personagem histórico com a própria Ordem do Templo. Scott é fiel aos documentos da época que evidenciam que Châtillon atacou, apesar das tréguas, uma rica caravana egípcia, precipitando o ataque de Saladino a Jerusalém e que ele era considerado “um senhor-malfeitor”, o que corrobora a representação negativa apresentada em “Cruzada”.

No entanto, as imagens degradantes e pejorativas dos templários na película são inadequadas. Ignora-se a importância dessa Ordem, composta por cavaleiros treinados, no combate durante as Cruzadas, na defesa e no transporte dos peregrinos à Jerusalém. A ação e atuação dos templários nas Cruzadas foram apoiadas inicialmente pelo Papa e pela monarquia. Posteriormente, a Ordem seria perseguida, acusada de sodomia, bruxaria, traição etc., tendo vários de seus líderes queimados na fogueira e seus enormes bens e riquezas confiscados.

Considerando-se a concepção que os muçulmanos tinham dos templários, à época das Cruzadas, observa-se um quadro diferente do apresentado por Scott no filme. Para o cronista Ibn-al-Athir eram guerreiros temidos, mas homens piedosos que provavam a fidelidade à palavra dada. Nos minutos iniciais do

filme, o Rei Balduíno IV enforca alguns templários por não terem aceitado as concessões feitas aos muçulmanos. Dessa forma, “Cruzada” colabora para uma visão pejorativa sobre a Ordem do Templo, retratando os seus membros como cavaleiros sanguinários e atribuindo a eles a intolerância aos muçulmanos. Talvez para suprir a necessidade do esquema hollywoodiano em que a importância de um vilão explícito é fundamental para agradar o grande público.

A forma como a Igreja é mostrada na película também merece problematizações. Os membros do clero são retratados como homens interesseiros, oportunistas e mesquinhos, enquanto os protagonistas seriam modelos de um cristianismo “esclarecido”, mais preocupados com a ordem social e uma postura correta perante a justiça divina do que com preceitos e fanatismos religiosos. Exemplo disso é a cena em que o padre rouba o crucifixo de ouro da esposa morta de Balian. Em outro momento, durante o cerco de Jerusalém por Saladino, um bispo se acovarda diante do ataque e propõe que as autoridades da cidade fujam, deixando o povo à própria sorte. A Igreja é representada como uma instituição sem preocupações com a coletividade, símbolo de exploração dos populares, dos miseráveis e dos oprimidos, isto é, como uma entidade monolítica e opressora. Porém, a Igreja medieval era plural, repleta de contrastes e diferenças que devem ser lidos criticamente, sem homogeneizações.

O momento em que Balian contraria os preceitos religiosos — ao permitir que os corpos dos cristãos sejam queimados para evitar a proliferação de doenças durante o cerco das muralhas de Jerusalém — é basilar nesse sentido, servindo para desconstruir a ideia de que os dogmas religiosos eram incontestáveis pelo homem medieval e que este não possuía, também, um entendimento mais objetivo e racional da realidade.

O personagem Balian merece algumas considerações. De um simples ferreiro, torna-se um cavaleiro medieval quase instantaneamente, vencendo, inclusive, um experiente guerreiro árabe na luta corpo a corpo. Porém, sabe-se — pelos documentos referentes à formação da cavalaria medieval — que ser um cavaleiro demandava muito tempo de aprendizagem, iniciada na mais tenra infância. Assim, essa transformação rápida de Balian de ferreiro à cavaleiro extraordinário deve ser considerada um “arranjo” hollywoodiano para fornecer ao personagem principal da trama características heroicas.

Por fim, ao adotar o filme de Scott, o/a docente pode estimular seus/suas estudantes a pensar como as relações entre o passado e o presente revelam-se na narrativa cinematográfica. A película evidencia que, desde a tomada de Jerusalém pelos cruzados, em 1099, o domínio cristão perdurou por quase um século até a Batalha de Hattin (1187), quando Saladino retoma a Cidade Santa. É tarefa do(a) Professor(a) fazer a conexão, esclarecendo como, a partir de então, as culturas muçulmana, cristã e judia sofreram sérias cisões. Esse jogo político-religioso, envolvendo o domínio de Jerusalém, perdura por séculos até os dias atuais e simboliza o drama de um conflito milenar, cujas origens remontam às Cruzadas.



## VII. Avaliação

produzir um texto de 10 linhas respondendo a seguinte questão: qual a importância do legado das Cruzadas para as relações entre cristãos, judeus e muçulmanos na atualidade?

## VIII. Bibliografia

CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. LE GOFF, Jacques; SCHIMIDT, Jean Claude (Orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. V. 1. Bauru: Edusc; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DISCURSO de Urbano II no Concílio de Clermont (1095). Foucher de Chatres. PERNOD, Regine. *Les Cruzades*. Paris: s.n., 1960, p.17-8 *Apud* PEDREROSÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média: textos e testemunhas**. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p.83-84.

DUARTE, Juliana Calabresi Voss; OLIVEIRA, Terezinha. Considerações acerca do suicídio no período medieval sob a lente da história da educação. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, Paraná, v.8, n.3, p.15783-15793, mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n3-019>. Acesso em: 18 de out.2023.

FRANCO JR., Hilário. **As Cruzadas – Guerra Santa entre Ocidente e Oriente**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

MAALOUF, Amin. **As Cruzadas vistas pelos árabes**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MELLO, José Roberto. **As Cruzadas**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios.)

PASTOREAU, Michel. **No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PERNOUD, Régine. **A mulher nos tempos das Cruzadas**. Campinas: Papyrus, 1993.

POLIAKOV, Leon. **De Cristo aos judeus da corte. História do antissemitismo I**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SANTOS, Carlos Emmanuel. A Charola Templária de Tomar – uma construção românica entre o Oriente e o Ocidente. **Medievalista**, ano 4, n. 4, 2008.